



★★★  
Melhor diário de economia português 1º Prémio, 2º Ano  
Melhor jornal online português 1º Prémio, 4º Ano

# negócios

JORNAL

www.negocios.pt

## FMI está em Portugal pela segunda vez

● Ministros discutem  
hoje em Conselho  
mudança da lei laboral

Uma missão do FMI está em Portugal, pela segunda vez em mês e meio. Fonte oficial do Fundo diz ao **Negócios** que a visita se enquadra na sua habitual análise anual.

Portugal é dado pelo Merrill Lynch como o terceiro país do euro com maior probabilidade de reestruturar a dívida. O primeiro é a Grécia. **Mercados 22 e 23, Economia 30 e 31**



**Karim Bouabdellah** Câmara do Comércio Luso-Árabe  
“Há interesse em comprar dívida de Portugal”

## Petrobras mantém em aberto entrada no capital da Galp Energia

● Petrolífera brasileira revelará a sua posição “oportunamente” **Empresas 14**

## Exportadores querem justiça rápida e energia mais barata



As empresas exportadoras não estão preocupadas com a lei laboral. O ministro da Economia, com Augusto Mateus e o presidente da AICEP, ouviu as preocupações dos exportadores.

1ª Linha 4 a 9

Pedro Elias

## Acção do ano

Jerónimo Martins  
As acções que fizeram  
a diferença

## Perspectivas para 2011

António  
Capucho  
antecipa  
intervenção  
do Fundo



Páginas 46 e 47

RTP acerta saída  
de 63 trabalhadores  
através de rescisões  
voluntárias **Media 45**

## Privatização da EDP adiada para o primeiro trimestre

Mercados 21

Pagamento de passes  
à espera de luz verde  
do Tribunal de Contas

Empresas 12

CA Soluções de Reforma

ABRA  
A PORTA  
AO SEU  
FUTURO.

CA  
Credito Agrícola

Linha Directa 808 20 60 60  
24 horas por dia, com atendimento personalizado,  
de 2ª a 4ª feira das 9h30 às 23h30,  
Sábados, Domingos e Feriados das 10h às 23h.  
www.creditagricola.pt

Desde 1911

# Primeira Linha

CONFERÊNCIA “PORTUGAL GLOBAL”

## Lucros estrangeiros reinvestidos no País caem 85% em 2010

O Investimento Directo Estrangeiro cresceu, mas as empresas resguardaram-se na altura de dar destino aos lucros. Basílio Horta, presidente da AICEP, pede alterações na legislação fiscal e laboral **PEDRO ROMANO** promano@negocios.pt

As empresas estrangeiras com negócios em Portugal cortaram no reinvestimento de lucros em 2010. Segundo o presidente da AICEP, Basílio Horta, que ontem participou na conferência “Portugal Global”, organizada pelo **Negócios**, o volume de lucros reencaminhados para novos investimentos recuou cerca de 85%, uma quebra recorde nos anos mais recentes.

“Há uma diminuição muito grande dos lucros reinvestidos em Portugal”, disse Basílio Horta. “Nesta altura, eles significam 1,9% de todo o Investimento Directo Estrangeiro (IDE), quando antes representavam bastante mais, cerca de 3%”, concluiu.

A mobilização de lucros gerados internamente é uma das formas de o estrangeiro investir em Portugal. É que, apesar de os fundos serem gerados internamente, são considerados capitais externos. A redução do reinvestimento pode explicar-se por ha-

ver menos oportunidades de fazer negócio ou pela necessidade de mobilizar poupanças para dar resposta a situações de pouca liquidez.

Esta quebra deu-se apesar de o volume total de IDE até ter aumentado este ano, recuperando gás depois de uma queda muito pronunciada em 2010. Ainda segundo o presidente da AICEP, que antecipou dados para o conjunto do ano, o IDE líquido – entrada menos saída de capitais – avançou 5,6%.

### Alterações fiscais são importantes

Para 2011, Basílio Horta recusou antecipar cenários. “É muito difícil fazer previsões. Tudo depende do que acontecer na União Europeia e na Zona Euro”, afirmou. Disse, contudo, que a atracção de mais IDE passará muito por mexer em três variáveis fundamentais: legislação laboral – demasiado “exigente” –, mercado laboral e regime fiscal.

“Um regime fiscal competitivo

não é tanto ao nível da intensidade da taxa fiscal mas fundamentalmente ao nível da burocracia”, disse Basílio Horta. “Tudo o que está relacionado com previsibilidade, processamento e pagamento de impostos é extremamente importante”, acrescentou.

No que diz respeito à legislação laboral, que tem estado na ordem do dia em Portugal – FMI e Comissão Europeia têm vindo a pedir reformas robustas – a meta deve ser alterar as “indenizações a pagar em termos de despedimento” e a introdução de mais “flexibilidade” no contrato de trabalho (ver págs. 32 e 33).

De qualquer maneira, o presidente da AICEP defendeu que o actual quadro já deve permitir um crescimento do IDE e das exportações em 2011. “A grande dúvida é saber se vai ser suficiente para compensar a diminuição do consumo e do investimento. Se não compensar, vamos ter eventualmente uma recessão. Mas eu espero que compense”.

Há uma diminuição muito grande dos lucros reinvestidos, da ordem dos 85%.

**BASÍLIO HORTA**

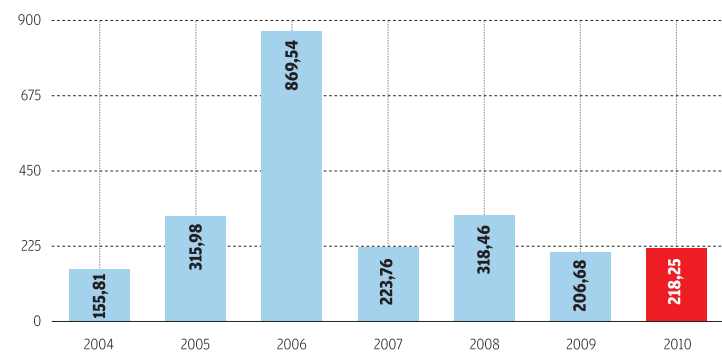
Presidente da AICEP



Exportações em contraciclo | Vieira da Silva

### INVESTIMENTO LÍQUIDO CRESCE EM 2010...

INVESTIMENTO DIRECTO ESTRANGEIRO LÍQUIDO

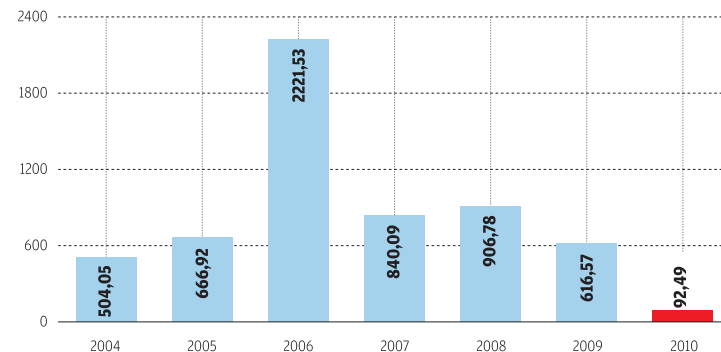


Fonte: Banco de Portugal e AICEP | Unidade: centenas de milhões de euros

O Investimento Directo Estrangeiro voltou a subir em 2010, depois de ter recuado na sequência da crise financeira de 2009. Entre entrada e saída de financiamento, o “fluxo líquido” ultrapassou os 20 mil milhões de euros, mais 5,6% do que no ano anterior.

### ... MAS LUCROS REINVESTIDOS CAEM

LUCROS ESTRANGEIROS REINVESTIDOS EM PORTUGAL



Fonte: Banco de Portugal e AICEP | Unidade: centenas de milhões de euros

As empresas estrangeiras reinvestiram menos lucros em 2010. A quebra face ao ano anterior foi de 85%, o que fez com que o peso do reinvestimento no total do IDE passasse de cerca de 3% para um valor em torno dos 1,9%.

## Exportações

O antigo ministro da Economia Augusto Mateus defendeu ontem que as exportações portuguesas vão crescer de forma robusta em 2011. Apesar de o ano ser negro para a economia nacional, o economista afirmou mesmo que estas podem crescer “mais do que o esperado” pelo próprio Governo – ou seja, acima dos 7,3% que constam do Orçamento do Estado.

Esta alavanca não será, contudo, suficiente para permitir a Portugal evitar a recessão. Para Augusto Mateus, o plano de consolidação orçamental deve colocar o Produto Interno Bruto (PIB) a recuar cerca de 1% em 2011, fruto da queda conjun-

Pedro Elias



Augusto Mateus e Basílio Horta concordam que as exportações vão ter um bom ano, ao passo que os restantes componentes do PIB devem voltar a cair.

## Vieira da Silva diz que perfil das exportações melhorou

O ministro da Economia, Vieira da Silva, defendeu ontem que o perfil das exportações portuguesas melhorou nos últimos anos, com a incorporação de produtos de cada vez maior valor acrescentado.

“Houve uma mudança estrutural das nossas exportações no sentido do aumento do peso da intensidade tecnológica”, afirmou no congresso “Portugal Global”. “Perdeu peso o sector industrial marcado pelos preços

## Houve uma mudança estrutural [com o] aumento da intensidade tecnológica.

**VIEIRA DA SILVA**

Ministro da Economia

baixos”, acrescentou.

Vieira da Silva defendeu também que hoje a internacionalização é muito mais fácil e acessível para as empresas portuguesas. Em parte devido às inovações tecnológicas, “muitas PME, em particular do sector dos serviços, têm uma capacidade de se internacionalizar que antes estava reservada a empresas de maiores dimensões”, afirmou.

Ainda assim, o facto de Portugal continuar a ter um rácio exportações/PIB relativamente baixo constitui um problema, dado que a exiguidade do mercado interno obriga ao crescimento externo para tirar partido de economias de escala. O peso das exportações no PIB manteve-se em torno dos 30% da produção anual ao longo da última década e Vieira da Silva considera que “a base exportadora ainda é excessivamente estreita”.

Mais positivo é o facto de o “bolo” total das exportações estar cada vez mais distribuído. Por exemplo, em 2000 cerca de 17,8% das vendas eram feitas fora da União Europeia, valor que subiu para 24,6% em 2009. Esta tendência “manteve-se durante a crise económica”, o que parece indicar uma mudança “estrutural” no perfil das exportações nacionais. **PR**

## s incapazes de compensar quebra interna

ta do consumo privado, consumo público e investimento. “Não é possível que as exportações compensem o ajustamento da procura interna”, disse, contrariando as expectativas do presidente da AICEP, Basílio Horta (ver texto à esquerda).

### **Maior problema é o investimento**

Por agora, o maior problema é a quebra do investimento. Augusto Mateus lembrou que o investimento que se registou em 2009 foi apenas 2/3 do volume de 2000 e que este continuou a cair ao longo deste ano. “É o mais preocupante”, afirmou.

As contas públicas também são um problema grave, tanto mais que

não houve consolidação orçamental este ano – sem medidas extraordinárias, disse Mateus, o défice teria sido superior aos 9,3% do ano passado. “A execução de 2010 foi pior do que a de 2009”, afirmou o antigo ministro.

Agora, e com a necessidade de correr “atrás do prejuízo” – ou seja, reduzir o défice para 4,6% partindo de uma fasquia mais alta –, o antigo ministro não exclui riscos de instabilidade social. E deixa a mensagem: “Confunde-se fazer sacrifícios com sair da crise. Sair da crise implica fazer sacrifícios, mas fazer sacrifícios não implica sair da crise”.

Mateus não concorda, contudo, com a ideia de que Portugal compa-

re de forma muito desfavorável com as restantes economias sob a mira dos mercados financeiros. Ao contrário da Irlanda e Espanha, não teve uma bolha imobiliária, nem tem os problemas de competitividade da Grécia. “Não temos nenhum desequilíbrio fortíssimo. Mas o nosso ‘prato’ tem os ‘temperos’ todos”.

Apesar de tudo, Mateus não acredita que os desequilíbrios da periferia levem ao fim do euro. “Não creio na fragmentação do euro”, disse. Defendeu, contudo, que manter a moeda única vai obrigar a um esforço conjunto para manter a robustez das contas públicas e evitar grandes diferenças de competitividade.

## As exportações podem crescer mais que o previsto. Mas não compensam o ajustamento da procura interna.

**AUGUSTO MATEUS**

Antigo ministro da Economia

## Conferência “Portugal Global”

# Justiça rápida, energia barata e formação: a receita para competir lá fora

## Empresas exportadoras desdramatizam alterações à lei laboral como factor de competitividade

MARIA JOÃO BABO  
mbabo@negocios.pt

As empresas exportadoras são unânimes em afirmar que no próximo ano vão vender mais ao exterior. Mas elencam factores diversos que consideram essenciais para melhorar a competitividade. Desde os custos de financiamento ao preço das matérias-primas ou da energia, as sete empresas exportadoras que ontem foram apresentadas como exemplos na conferência “Portugal Global” organizada pelo **Negócios**, enumeraram uma série de custos de contexto. Mas nenhuma apontou a legislação laboral.

“Estamos de acordo que ultrapassar a situação actual passa por aumentar a internacionalização e a exportação de bens transaccionáveis. Mas isso não se resolve com mais ou menos despedimentos individuais”, afirmou mesmo Rodolfo Lavrador, administrador da Caixa Geral de Depósitos. Em sua opinião, a solução para que as empresas se tornem mais competitivas passa por sermos “mais inovadores, mais competitivos e atentos ao que os mercados querem”, afirmou, considerando que o grande desafio a resolver está na “celeridade da justiça”.

Já António Simões, presidente da empresa agro-alimentar Sovena, mostrou-se preocupado com os custos de financiamento em Portugal, mas também com o preço das matérias-primas, que estão novamente a registar uma tendência de subida.

“As matérias-primas estão a subir de preço, mas sobem para todos. Não estamos em igualdade de circunstâncias no que diz respeito aos custos da energia”, em que “as empresas portuguesas estão em desvantagem com os seus concorrentes de outros países europeus”, afirmou, por seu lado, Fortunato Fre-

## Um dos problemas que temos como País é termos metas de muito curto prazo.

**NUNO FÓRNEAS**

Administrador da Novabase

derico, presidente da Fly London. Para o responsável da empresa de calçado, a solução passa por “ganharmos mais ânimo e sermos mais optimistas”.

Aos vários factores de competitividade, António Portela, administrador da Bial, juntou a formação, lembrando que no início a farmacêutica portuguesa teve mesmo de atrair talento fora do País. Também José Neves, administrador da Skysoft, defendeu a necessidade de uma maior aposta na formação no país, até porque “só os melhores vão sobreviver”.

Além da qualificação, Nuno Fórneas, administrador da Novabase, defendeu ainda “a adopção de políticas que não visem apenas o próximo ciclo eleitoral”. “Um dos problemas que temos como País é termos metas muito de curto prazo. Gostava que houvesse desígnios mais altruístas, de longo prazo e que extravasem qualquer facção política”, afirmou.

Por seu turno, Pedro Hipólito, director-geral da SIBS Internacional, disse não sentir que “os custos do contexto sejam grandes obstáculos ao nosso crescimento”, considerando ainda que “alavancar a rede diplomática e a rede da AICEP” seria uma ajuda.



Empresas exportadoras | Gestores de acordo que solução para a situação actual passa pela internacionalização e pela exportação

## SETE HISTÓRIAS DE EMPRESAS EXPORTADORAS

Da banca às tecnologias, do agro-alimentar ao calçado, passando pelo sector farmacêutico, as empresas portuguesas dão cada vez mais importância aos mercados internacionais.



Rodolfo Lavrador, administrador da CGD, diz que banco está onde clientes estão ou deviam estar.

### CGD diz estar bem internacionalizada

“A Caixa Geral de Depósitos está bem internacionalizada”, com “25% a 30% da actividade virados para a presença internacional”, sublinhou Rodolfo Lavrador, administrador do banco público, que está hoje presente num total de 24 países. “O grupo procura estar onde os nossos clientes estão e onde achamos que os clientes devem estar”, explicou o responsável da instituição financeira, que além do mercado ibérico destaca ainda a importância do Brasil e de África - não só de língua portuguesa - como mercados estratégicos.



António Portela, administrador da Bial, diz que grupo quer ter uma presença importante na Europa.

### Bial entrou este ano em mais 10 mercados

A farmacêutica Bial está hoje presente em quase meia centena de mercados, que pesam já um terço na facturação. Só este ano, e por causa do anti-epiléptico Zebinix, a empresa entrou em mais 10 países. António Portela, administrador da Bial, considera que “neste momento a internacionalização é crítica”, já que “para o grupo continuar a investir o que está a investir em investigação e desenvolvimento tem de vender fora de Portugal”. “Precisamos de ter plataformas para colocar os produtos que estamos a desenvolver”, afirmou.

Pedro Elias



ação de bens transaccionáveis.

# “Portugal tem de cuidar da sua reputação”

“Portugal tem de se reposicionar, tem de cuidar da sua reputação”. O conselho é de Pedro Bidarra, vice-presidente e director criativo da BBDO, que em 2007 criou a campanha “Europe’s West Coast”, para a promoção da imagem de Portugal no estrangeiro.

Um trabalho que “foi pago, mas não foi comprado”, afirmou ontem o responsável na conferência “Portugal Global - Empresas Exportadoras” organizada pelo **Negócios**, lamentando que nem o “chairman” nem o CEO do País, como apelidou Cavaco Silva e José Sócrates, tenham abraçado a ideia. Só Manuel Pinho, afirmou, “o ministro da Economia mais exótico que tivemos, percebeu que tínhamos de fazer alguma coisa”.

Pedro Bidarra também não poupou críticas à irregularidade das campanhas para promover a marca Portugal e ao facto de a promoção do País continuar a ser feita em cada uma das sete regiões de turismo, que apresentam mensagens diferentes. “Se tenho inconsistência na mensagem, se cada um que fala de Portugal diz coisas diferentes, se não houver uma ideia agregadora, ninguém ouve”, afirmou.

Em sua opinião, “a marca Portugal não acrescenta valor”. Tendo em conta a dimensão do País,

defendeu, é necessário que toda a gente se envolva, celebridades, turismo, marcas e empresas, cultura, diplomacia e políticos. “Seja qual for a ideia ou a abraçam ou ela nunca chega à sociedade”, rematou.

“Temos de acrescentar criatividade, tecnologia e inovação à reputação”, sugeriu o director criativo da BBDO, que defendeu ainda que “temos de ser mais criativos na maneira de nos promover, mas também mais focados numa coisa. É o que fazem as marcas e os países mais pequenos”. Abandonar a marca Portugal não é, para Pedro Bidarra, opção, até porque “é a marca que temos”.

O responsável disse ainda, durante a sua intervenção na conferência, que “essencial para sair da crise é o patriotismo”. Em sua opinião, “o País precisa de fazer qualquer coisa pela nossa estima” e só é possível melhorar o que precisa de ser melhorado “com patriotismo”. “Se não houver amor pelo País isto não vai lá”, afirmou.

A campanha “Europe’s West Coast”, lançada em 2007, pretendia dissociar o País de um conjunto de conotações negativas, tendo dado a cara pela campanha portuguesa como José Mourinho, Mariza, Cristiano Ronaldo ou Joana Vasconcelos.



Pedro Bidarra criticou a irregularidade das campanhas para promover a imagem do País.

## Nem o “chairman” nem o CEO do País abraçaram a ideia do “Europe’s West Coast”.

**PEDRO BIDARRA**

Vice-presidente da BBDO

## DORAS



António Simões, presidente da Sovena, que tem hoje 10 mil hectares de olival plantados em três países.

### Exportar é pouco para a Sovena

O grupo Sovena, que produz e comercializa azeite e óleo, multiplicou por 10 a sua facturação em 10 anos, deixando de ser uma empresa com 90% do negócio em Portugal para passar a fazer 80% do negócio fora de Portugal, representando a Península Ibérica 55%. A aposta do grupo passa agora por reforçar o peso de outros mercados. António Simões, presidente da Sovena, considera que para a empresa “exportar é pouco”, razão pela qual o grupo se deslocalizou e tem já três operações industriais fora de Portugal.



Fortunato Frederico, presidente da Fly London, prevê facturar este ano 55 milhões.

### Fly London cresce 28% este ano

A Fly London não tem dúvidas que no próximo ano vai continuar a crescer, apontando Fortunato Frederico, presidente da empresa de calçado, para uma meta de 10% a 12%. A empresa de calçado, que há 15 anos lançou a sua marca própria, está hoje presente em 50 países e tem já uma rede de lojas. A empresa prevê facturar este ano 55 milhões de euros, o que significa um crescimento de 28%, acima dos 12% a 15% que tinha previsto. Além de incorporar tecnologia, a Fly London procura ainda parcerias com institutos públicos.



Nuno Fórneas, administrador da Novabase, que hoje vende “chips” para caixas de TV na Índia e China.

### Novabase explora Angola e Emirados

A Novabase obtém já 13% da sua facturação fora de Portugal, ou seja, o negócio internacional gera hoje 30 milhões de euros e novos mercados, como Angola e Emirados Árabes Unidos, são regiões que o grupo quer explorar. Nuno Fórneas, administrador da tecnológica, reconhece que a empresa utiliza muitas vezes o “made in Europe”, mas recorda que “há cada vez mais casos de novas tecnologias em Portugal com muito sucesso”. O País “tem sido um balão de ensaio para novas soluções tecnológicas”, considera.



Pedro Hipólito, director-geral SIBS Internacional, que está já presente em 10 países.

### SIBS Internacional factura cinco milhões

A SIBS decidiu há dois anos internacionalizar-se, com a Roménia a ser palco da primeira experiência. Hoje o grupo tem uma empresa específica para os negócios internacionais, com actividade em dez países fora de Portugal. De acordo com Pedro Hipólito, director-geral SIBS internacional, a empresa tinha, no início deste primeiro ano de actividade, projectado uma facturação de 600 mil euros, mas vai ultrapassar os cinco milhões. Em sua opinião, “a marca ‘made in Portugal’ não ajuda”, mas “quando o produto é bom, é vendável lá fora”.



José Neves, administrador da Skysoft, diz que o Brasil pode ser alavanca para as exportações.

### Skysoft vai vender para Coreia e Canadá

A Skysoft, que desenvolve soluções tecnológicas em áreas como a aeronáutica, segurança ou defesa, começou este ano a vender produtos para empresas na China e tem previsto no início de 2011 passar a comercializar para os mercados da Coreia e do Canadá. José Neves, administrador da Skysoft, considera que Portugal tem uma grande vantagem relativamente aos seus competidores dos “PIGS”: a relação com o Brasil. Em sua opinião, “o Brasil pode ser uma alavanca para Portugal”.

## Portugal Global

### A CONFERÊNCIA

EMPRESAS EXPORTADORAS

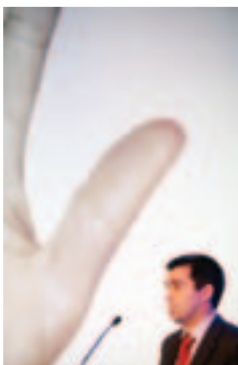
Cerca de duzentos empresários e gestores estiveram ontem reunidos em Lisboa, a trocar conhecimentos e opiniões na Conferência Portugal Global.



#### Governo e empresas |

Fortunato Frederico (em cima), Paulo Fernandes e Vieira da Silva (esquerda) e Manuel Alfredo de Mello (em baixo).





**Economistas, AICEP** | Augusto Mateus, em entrevista; Basílio Horta, na intervenção inicial; e líderes de empresas exportadoras.



Pub

# Conferência Portugal Global - Empresas Exportadoras